

Comentário à Conferência
“El Poder ,elemento presente en toda relación interpersonal”
Sara Ferro

O Dr. Sunyer acaba de nos expôr uma valiosa e complexa conceptualização do poder numa perspetiva grupanalítica, partindo em parte de proposições afastadas do discurso psicanalítico ,mas nele integráveis, não alterando a essência da actividade grupanalítica . A comunicação reflete um aturado estudo, experiência clínica, reflexão crítica e preocupação na atualização do conhecimento.

Na impossibilidade de comentar todo o conteúdo desta tão complexa comunicação, com o tempo de que disponho, gostaria de realçar e referir apenas alguns aspetos que me pareceram mais significativos que passo a expor.

Para o Dr. Sunyer o poder é entendido como” **capacidade universal de tratar de fazer o que se quer ou de conseguir, consciente ou inconscientemente, que os outros façam algo que nos interessa**”.

Nesta comunicação entende-se que o ser humano, essencialmente social, nasce num contexto de relações sob a forma de interdependências . As dinâmicas de poder veiculadas pela comunicação são parte estrutural das relações e atuam sobre todos em situação de grupo. Há estreita relação entre comunicação e poder.

Para pensar sobre o poder como grupanalista o Dr. Sunyer, posicionado na órbita de *Foulkes*, parte como ele , de um referente de que não prescinde, a psicanálise, que articula com pontos de vista da área da psicologia, da sociologia e com recentes aportes da neuropsicologia e valoriza os conhecimentos advindos da sua prática clínica. A propósito enfatiza a dificuldade de *Foulkes* em assumir os elementos sociais como parte integrante da teoria grupal;na senda de *Dalal* esforça-se por os incorporar, nomeadamente os conceitos de *N. Elias* e insiste na necessidade de uma maior recetividade na inclusão do estudo de teorias da área da sociologia e da psicologia social, para além da psicanálise, na informação e formação dos que se destinam à prática grupanalítica.

Nesta comunicação acentua-se que ao fazer-se previamente uma revisão de trabalhos publicados sobre o Poder na literatura grupal, se encontraram escassas referências e uma omissão no que respeita à definição e aprofundamento de seu conhecimento.

Curiosamente e relacionando-se com o anteriormente exposto recordo que em revisão da literatura sobre o poder, agora na psicanálise, *Berenstein* afirma que o tema embora muito citado por sociólogos, economistas, filósofos, historiadores e outros pensadores é menos abordado por psicanalistas. Em seu entender o facto se deve a atribuir ao Poder uma origem pulsional, uma representação derivada do sexual, vinculado ao sadismo e à pulsão de domínio sexual e em que a unidade motivacional é pois o impulso. Ora para *Berenstein* a determinação inconsciente do poder reside em aspetos vinculantes - surge na medida em que se estabelece uma relação, em que está implicada a imposição do outro, exercendo-se sempre com e entre outros, é um elemento social, não possui uma natureza, uma essência definida por características universais, não é uma "coisa" que se tenha, mas algo estrutural das relações humanas, uma manifestação social ou relacional da libido entendida esta, penso, não como forma específica de energia ou de sensualidade mas como capacidade libidinal que busca objeto. Em questão estão pois dois processos de pensar o poder: um perspectivado num modelo estrutural pulsional freudiano em consonância com o conceito de *homo clausus* de *N. Elias* o outro sob um modelo estrutural relacional compatível com o conceito de *homines aperti* de *N. Elias*.

Da leitura da comunicação do Dr. Sunyer é de acentuar a concordância com a posição de *Berenstein*.

As considerações apresentadas neste trabalho são influenciadas pelo psicólogo alemão *K. Lewis*. Porém, não se pretendendo reduzir a compreensão do espaço grupal a uma mera descrição de dinâmica grupal, é através de uma posição de adesão aos princípios fundamentais da teoria psicanalítica, como essência da atividade grupal, articulados com as conceptualizações de *K. Lewis* e do sociólogo alemão *N. Elias*, contemporâneo de *Foulkes*, que se discorre sobre a emergência do poder nos grupos.

A descrição dos fenómenos psíquicos por *K. Lewin* é feita na base das das forças relacionais que condicionam o comportamento de um indivíduo em relação com outros que o rodeiam. Embora não se falando em poder a força relacional é-lhe equivalente e corresponde a uma motivação desencadeada por uma necessidade que se expressa num comportamento.

Sobre os conceitos mais significativos de *N. Elias* são realçados os seguintes aspetos: a sociedade e qualquer de seus grupos é entendida como indivíduos em relação de interdependência. Cada relação contém poder e este atualiza-se ou expressa-se nas relações entre os indivíduos e nas configurações que se organizam. O poder surge como necessidade de vinculação em situação de interdependência. Para *N. Elias* é nuclear a ruptura da dualidade indivíduo/sociedade. Indivíduos em si e sociedade em si são mitos. Sómente existe o indivíduo na sociedade e a sociedade no indivíduo – existem num fazer-se constante, indivíduo e sociedade estabelecendo entre si uma dialética permanente, algo que se prende com o seu conceito de *homines aperti* (visão coletiva do ser humano) em contraponto ao *homo clausus* (conceção individual do ser humano). Outro conceito importante de *Elias* referido na comunicação é o de *configuração*.

Face a algum paralelismo nos recentes trabalhos do sociólogo espanhol *Manuel Castells* com os conceitos de *N. Elias* é dado justo relevo a seus trabalhos. Refere-se que para *Castells* o poder é entendido como uma capacidade relacional, o que significa que o poder não é um atributo, senão uma relação; através da comunicação a mente humana interatua e deste modo comunicação e poder estão em íntima relação. Analisando o conjunto das ideias de *Castells* conclui-se, na comunicação, ser surpreendente o paralelismo que se encontra com os conceitos de matriz, pontos nodais e configurações na perspectiva de *Foulkes*.

Para o Dr. Sunyer em psicanálise o problema da relação entre o indivíduo e o meio é clarificada com a teoria das relações de objeto. A noção de objeto interno contribui para o estabelecimento de uma dinâmica na relação com a realidade. É considerada útil a forma didática como *Kernberg* combinando os conceitos principais de *Klein* e *Fairbairn* com os trabalhos de *Hartman, Jacobson e Mahler* refere a formação do mundo interno dos indivíduos e admitindo-se a existência de um vínculo entre a realidade

externa e o mundo interno - descrição em consonância com a conceituação de *homines aperti* de N. Elias.

Em breve apontamento sobre os trabalhos de investigação na área da neuropsicologia, nomeadamente de *Gallese, Decety, Jackson e Rizzolatti* nesta comunicação chama-se a atenção para o facto de que estas investigações confirmam as propostas de N. Elias de *homines aperti* ao considerarem que desde os primeiros momentos de vida o ser humano na sua relação com o ambiente (mãe e cuidadores significativos) atribui significados às intencionalidades dos que o rodeiam a partir das sensações desencadeadas pelas suas percepções.

Dos diferentes referentes revistos convergem dois pontos básicos:

O processo de individualização é simultâneo e interdependente do processo grupal - os indivíduos estão numa relação interdependente em que grupo e indivíduo são duas versões de uma mesma realidade. Há a negação da dualidade indivíduo/grupo.

A mente é um processo em formação contínua e interação constante com as demais organizando uma matriz a partir das interações estabelecidas.

Reunindo e relacionando toda a informação colhida nas áreas da psicologia social, e da psicanálise o Dr. Sunyer elabora sobre o tema do poder aplicado à psicoterapia grupalítica, fazendo uso do conceito de mundo interno das teorias das relações de objeto na perspectiva de *Kernberg* e dos conceitos de *Homines aperti* e de *configuração de Elias*, concluindo que:

Nos grupos grupanalíticos a relação que se dá entre as pessoas é de interdependência ou seja existe um elemento de dependência nas duas direções da relação e acrescenta que é vinculante porque liga; é justamente através do jogo das interdependências vinculantes múltiplas que se constitui o indivíduo e a rede de relações, a matriz grupal que configura o indivíduo e o grupo. O poder será a manifestação da necessidade de estar vinculado, unido, como característica geral da experiência humana, como expressão social ou relacional da libido: o comportamento humano entendido como derivado fundamentalmente da procura por e manutenção de contactos com outros.

No grupo, o indivíduo e a matriz constituem uma unidade dentro do qual há uma regulação mútua do nível de interdependências através de mecanismos de regulação de poderes - no decurso do desenvolvimento das

interdependências vinculantes procuram-se estabelecer distâncias ótimas de vinculação . O distanciamento excessivo no vínculo (com eclosão de angústias de abandono) ou a proximidade excessiva (com eclosão de angústias de fusão ou claustrofóbicas) ativam os mecanismos de defesa como forma de estabelecimento de vínculos dinâmicos com os outros e com o grupo em situação de equilíbrio de poderes. Enfatiza-se o facto dos mecanismos de defesa se constituírem também como formas de comunicação de angústias.

No tecido grupal forma-se uma configuração dinâmica de interdependências vinculantes, modificável que é pelo Dr. Sunyer entendida como a matriz descrita por *Foulkes* . A *matriz* contem os significados das diferentes inter-relações e interdependências que se foram estabelecendo ao longo da história do grupo. Estes significados estão em relação com diferentes equilíbrios de poder e reproduzem-se transgeracionalmente.

É transposto o conceito de configuração de *N.Elias* às representações na realidade interna das representações do si próprio, do objeto e dos afetos associados como personificações de mãe, de pai, de irmão, etc, constituindo o que penso que entre nós *Cortesão* designou por *matriz familiar ou sociocultural* e *Rita Leal* designou por *matriz relacional interna ou matriz pessoal de grupo*. O eu é representado por estas configurações que estabelecem entre si tensões que são a expressão interna das tensões experimentadas no mundo real.

O indivíduo é pois entendido em relação de acoplamento estrutural com o grupo modificando-se e modificando os outros e vivendo tensões que não são mais que forças de poder.

Neste trabalho é nos proposto um método discursivo de causalidade recursiva na senda de uma compreensão da conceptualização de poder em grupanálise.

Dr. Sunyer acentua a natureza complexa do grupo terapêutico que corresponde à multiplicidade ,ao entrelaçamento e à interação contínua de sistemas e fenómenos inerentes à criatura humana não reduzindo a complexidade a fórmulas simplificadoras ou esquemas fechados, mas antes abordando a complexidade num sistema de pensamento aberto e abrangente. Aplica à compreensão da situação grupal uma abordagem multidisciplinar e transdisciplinar, tendo presente as múltiplas dimensões em permanente processo de articulação da qual resultam múltiplas

configurações – uma epistemologia de complexidade. Todo o processo elaborativo tende ao estabelecimento de um modelo integrador , introdutor de um alargamento no modo de compreender e pensar o grupo com recurso à exposição de situações clínicas que ilustram e clarificam a exposição. Nela são articuladas e complementam-se conceitos da teoria psicanalítica, com conceitos de *Elias* e de *Castells* bem como com os recentes achados no campo da neuropsicologia sobre empatia.

Ao identificar o *conceito de matriz de Foulkes* com a sua conceituação de configuração de interdependências vinculantes está-se contribuindo para uma ampliação e aprofundamento do *conceito de matriz*, colocando-se a *interação na matriz em termos de vínculos*; admito que se introduza toda a complexa conceituação de uma psicoterapia analítica- vincular que toma o vínculo como estrutura e como unidade mínima básica que condiciona toda a dinâmica grupal. Será assim?

O trabalho hoje aqui apresentado na área da atividade grupanalítica chama atenção para alguns aspetos que passo a referir:

1-O problema da complexidade da abordagem terapêutica do paciente em situação de grupo, por vezes, negligenciando-se as relações que existem entre conhecimentos de diferentes áreas, sua possível complementação e integração.

2-As resistências ao estabelecimento de uma visão transdisciplinar em matérias que, como a nossa ,estão na charneira entre a medicina, a psicologia e outras ciências humanas.

Há por vezes dificuldade em pensar em termos de psicologia social - quer por desconhecimento da mesma, quer por atitude de compromisso e preconceito com conceitos de personalidade individual e de psicopatologia, quer por fidelidades ao pensamento psicanalítico, aspetos que o Dr. Sunyer acentua.

3-A especialização científica crescente e o estabelecimento de inter-relações entre técnicos com quadros teóricos e vocabulário específicos, diferentes métodos de investigação são fonte de dificuldades. A hierarquização entre as disciplinas pode induzir a lutas pelo seu reconhecimento entre diferentes grupos de profissionais, de certo modo reflectindo lutas pelo poder, matéria aliás abordada por N. Elias.

4-A importância do contexto cultural em que vivemos , com ênfase no indivíduo e impregnado por uma conceituação dicotómica do pensar indutora da fragmentação do conhecimento.

Não menos importante ainda esta comunicação que se debruça fundamentalmente sobre os mecanismos mentais que se activam em forma de manifestações de poder, contem, enfatiza e atualiza subjacentemente , a questão das diferentes teorias e técnicas grupanalíticas e a procura daquilo que lhe é essencial, nuclear, e que condiciona aquilo que será o cerne da ação terapêutica.

A terminar :

Uma comunicação que representa um notável esforço na transmissão de uma matéria complexa e polémica e exposta de maneira tão criativa irá certamente suscitar interesse e as mais diversas questões.

Foi com o maior interesse que ouvi esta conferência e com certa apreensão que me dispus a comentá-la pela sua natureza complexa requerendo uma coordenação de um amplo leque de abordagens nem sempre fáceis de apreender na sua complementariedade e de transmitir. Espero tê-lo conseguido.

*XIV Congresso Nacional da SPGPAG
29 e 30 de Novembro de 2013-Lisboa
Fundação Cidade de Lisboa*